



LANGSDORFF DE VOLTA

DESENHOS E AQUARELAS DE RUGENDAS, TAUNAY E FLORENCE



LANGSDORFF DE VOLTA

DESENHOS E AQUARELAS DE
RUGENDAS, TAUNAY E FLORENCE

BRASÍLIA

PALÁCIO ITAMARATY

12 A 20 JUL.

CUIABÁ

PALÁCIO DA INSTRUÇÃO

28 JUL. A 7 AGO.

SÃO PAULO

MAC/USP

17 AGO. A 3 SET.

RIO DE JANEIRO

PAÇO IMPERIAL

13 SET. A 9 OUT.

Cônsul-Geral da Rússia no Rio de Janeiro, Grigori Ivanovitch Langsdorff, formado em ciências médicas, foi um autêntico representante do espírito de investigação empírica e de sistematização que caracterizou o Século XIX. Como outros cientistas europeus, dispôs-se a enfrentar regiões por vezes inóspitas no seu percurso exploratório, a fim de nelas realizar minuciosos levantamentos de suas riquezas naturais e vívidos registros de suas características sociais e humanas.

Dada como perdida durante muitas décadas, a enorme coleção de anotações manuscritas, diários, e de registros iconográficos e cartográficos produzida pelos membros da Expedição Langsdorff (1821-1829) foi encontrada em 1930, depositada nos porões do Museu do Jardim Botânico de Leningrado. Embora o seu estudo tenha sido retomado desde então, trata-se de documentação ainda relativamente pouco conhecida fora da União Soviética, circunstância que reforça seu interesse para as comunidades científicas brasileira e internacional. Acresce que o material constante da coleção tem inestimável valor estético e sua divulgação vem enriquecer a cultura brasileira.

O projeto de recuperação do acesso ao material reunido pela Expedição constitui iniciativa de especial relevância, também pelo significado desse acervo em matéria de cooperação científica e cultural entre o Brasil e a União Soviética.

Com efeito, o intercâmbio nos campos da ciência e da cultura constitui importante aspecto do fortalecimento das relações políticas entre os países, na medida em que, ao permitir o aprofundamento do conhecimento mútuo, revitaliza os processos de interação. É nesse movimento de ampliação de horizontes que se situa a colaboração de especialistas brasileiros e soviéticos, ao amparo das instituições governamentais de ambos os países, com o objetivo de colocar à disposição do público interessado de nosso país, sob forma de microfílm incorporados aos arquivos da Universidade de Brasília, a vasta documentação da Expedição Langsdorff que se encontra na União Soviética.

No momento da realização da exposição de documentos selecionados da coleção Langsdorff, que marca o início de implementação do projeto, cabe deixar registro do reconhecimento do Governo brasileiro pela valiosa contribuição do Governo soviético à concretização desse significativo projeto.

ROBERTO ABREU SODRÉ
Ministro das Relações Exteriores
Brasília, julho de 1988

Prezados visitantes da Exposição,

Os Senhores começam a conhecer um vasto material da expedição russa ao Brasil, chefiada pelo destacado pesquisador, verdadeiro cultor da ciência, acadêmico Grigori Ivanovitch Langsdorff.

A expedição, organizada no início do século passado, se propôs a nobres metas científicas e humanistas — estudo aprofundado da natureza, população e economia do Brasil, definição de possibilidades do comércio mutuamente benéfico.

O cientista da Rússia e seus companheiros, ao assumir uma missão que parece difícil mesmo agora — pesquisar regiões inacessíveis e pouco exploradas do país — encontraram um apoio inapreciável por parte das autoridades brasileiras, entre as quais o eminente estadista José Bonifácio de Andrada e Silva. Em todo o seu caminho os integrantes da expedição não deixaram de sentir a cordialidade da população local.

Esta atitude benevolente contribuiu muito para o êxito da expedição de Grigori Langsdorff. Ela reuniu um imenso material científico sobre o desenvolvimento social e econômico do Brasil, sobre sua etnografia e geografia física, flora e fauna. Os diários do cientista testemunham o seu desejo de aproveitar os dados acumulados no interesse do progresso econômico e cultural do Brasil. Grigori Langsdorff fazia pesquisas visando ao bem comum e partilhando generosamente com os brasileiros as suas experiências.

O grande cientista soviético Nikolai Vavolov, que conhecia profundamente os materiais da expedição, dizia que estes demonstram, de forma brilhante, a contribuição que a Rússia fez no início do século XIX ao estudo da América Latina. Os objetos da exposição, que, a propósito, estão sendo exibidos pela primeira vez fora da União Soviética, são um notável testemunho de que as relações de amizade e cooperação entre os nossos povos têm profundas raízes históricas.

Passaram 160 anos desde o momento em que o Brasil e a Rússia estabeleceram as relações diplomáticas. Os nossos povos sempre alimentavam sentimentos mútuos de profunda simpatia e respeito. Agora podemos com toda a convicção falar de novas oportunidades para desenvolver o relacionamento soviético-brasileiro. Essa convicção minha é baseada também nas impressões pessoais — vivas até hoje — da estadia no seu maravilhoso país.

Na União Soviética aprecia-se altamente o papel ativo do Brasil na arena mundial, sua aspiração de contribuir para a consolidação da cooperação internacional. Neste contexto nós atribuímos grande importância à ampliação do diálogo político entre os dirigentes dos nossos países com o fim de aprofundar o entendimento e a confiança mútuos entre os povos soviético e brasileiro. A próxima visita do Presidente José Sarney à União Soviética constituirá, sem dúvida, um novo marco importante nas nossas relações.

Prezados amigos,

Tenho certeza de que a exposição de materiais da expedição de Grigori Langsdorff, inestimáveis quanto ao seu valor científico, servirá para a maior aproximação entre os nossos povos.

E. SHEVARDNADZE
Ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS
Moscou, julho de 1988

Langsdorff de volta é mais que a revelação de um rico acervo, de interesse científico internacional, que, por estranho destino, ficou por mais de um século guardado nos porões do Museu do Jardim Botânico de Leningrado. Nesta exposição, que se tornou possível através dos esforços conjugados do Ministério da Cultura e da Academia de Ciências da União Soviética, há também um conteúdo eminentemente político, no sentido mais vasto da palavra, que se reporta à qualidade de vida e, no Brasil de hoje, à ação defensiva pela integridade do espaço natural habitado, que temos de empreender com urgência.

Os desenhos de Rugendas, Taunay, Florence, os minuciosos diários e apontamentos dos integrantes da expedição ao Brasil, cujo estudo apenas se inicia, conferem à exposição este conteúdo ecológico, à base do qual a fascinante e intrépida aventura dos homens de Langsdorff é revivida e atualizada no tempo com uma carga nova de expressão.

Longe do meramente pitoresco, e longe, também, dos sentimentos meramente nostálgicos, somos chamados por este material até então nunca visto pelos brasileiros a uma firme tomada de consciência sobre nossa realidade multivária e nossa identidade em processo, ainda inconcluso, de afirmação. Varando em canoas o interior do Brasil, enfrentando o fragor das cachoeiras e o terror da malária, para fluir do Tietê ao Tapajós, como se os rios, no todo orgânico, fossem as próprias veias da terra, a expedição de inícios do século XIX deixou um saldo de puro encantamento com a exuberância natural que conheceu ainda virgem.

Temos nas mãos, hoje, um Brasil diferente e mais complexo, no qual já se extinguíram, ceifadas pelo progresso trepidante, mas desordenado, muitas espécies que, há um século e meio, puderam ser observadas pela expedição Langsdorff. Para expandir o território e modernizar o país, fomos forçados a perder muita coisa, como demonstra o material agora exposto, mas muita coisa ainda nos resta, e disto que ficou e importa tanto é que temos de fazer um momento mais harmonioso na história.

Taunay perdeu a vida e Langsdorff, a razão, em plena selva, para tentarem conduzir a bom termo sua heróica empreitada. Mas seu trabalho, que só foi salvo da extinção por um acaso feliz, finalmente está sendo posto, cheio de surpresas, ao alcance de todos. E seu exemplo, o sacrifício do puro encantamento, indica o rumo que devemos seguir na ação política, ecológica e nacionalmente orquestrada para a defesa do nosso patrimônio, fazendo do puro encantamento uma coisa concreção de vida plena.

CELSO FURTADO
Ministro da Cultura
Brasília, julho de 1988

Langsdorffia. Família *Proteaceae*.
Florence, dez. 1827.
Aquarela, 22,3 × 32,8 cm.



Em nome da Academia de Ciências da URSS cumprimento cordialmente os visitantes da exposição soviética "Expedição russa do acadêmico Grigori Langsdorff ao Brasil".

A opinião pública brasileira, todos aqueles que estão interessados em familiarizar-se com o passado deste maravilhoso país, têm uma rara oportunidade de conhecer documentos e materiais originais da expedição etnográfica e botânica russa ao Brasil nos anos 1821-1829.

O itinerário da expedição foi complicado e original. Seus integrantes pesquisaram regiões desconhecidas da Amazônia, das então províncias de Minas Gerais, de São Paulo e de Mato Grosso.

Chefiou a expedição o membro da Academia de Ciências de Petersburgo e Cônsul-Geral da Rússia no Rio de Janeiro Grigori Langsdorff — famoso etnógrafo, naturalista e viajante. Ele dedicou uma considerável parte da sua vida a profundo estudo da história do desenvolvimento sócio-econômico do Brasil, da sua etnografia, fauna e flora. Ele empenhou-se naquela causa de maneira abnegada, sem poupar esforços e energia. Os materiais por ele coligidos continuam valiosos até hoje, mantendo a atualidade da sua importância científica e cognitiva.

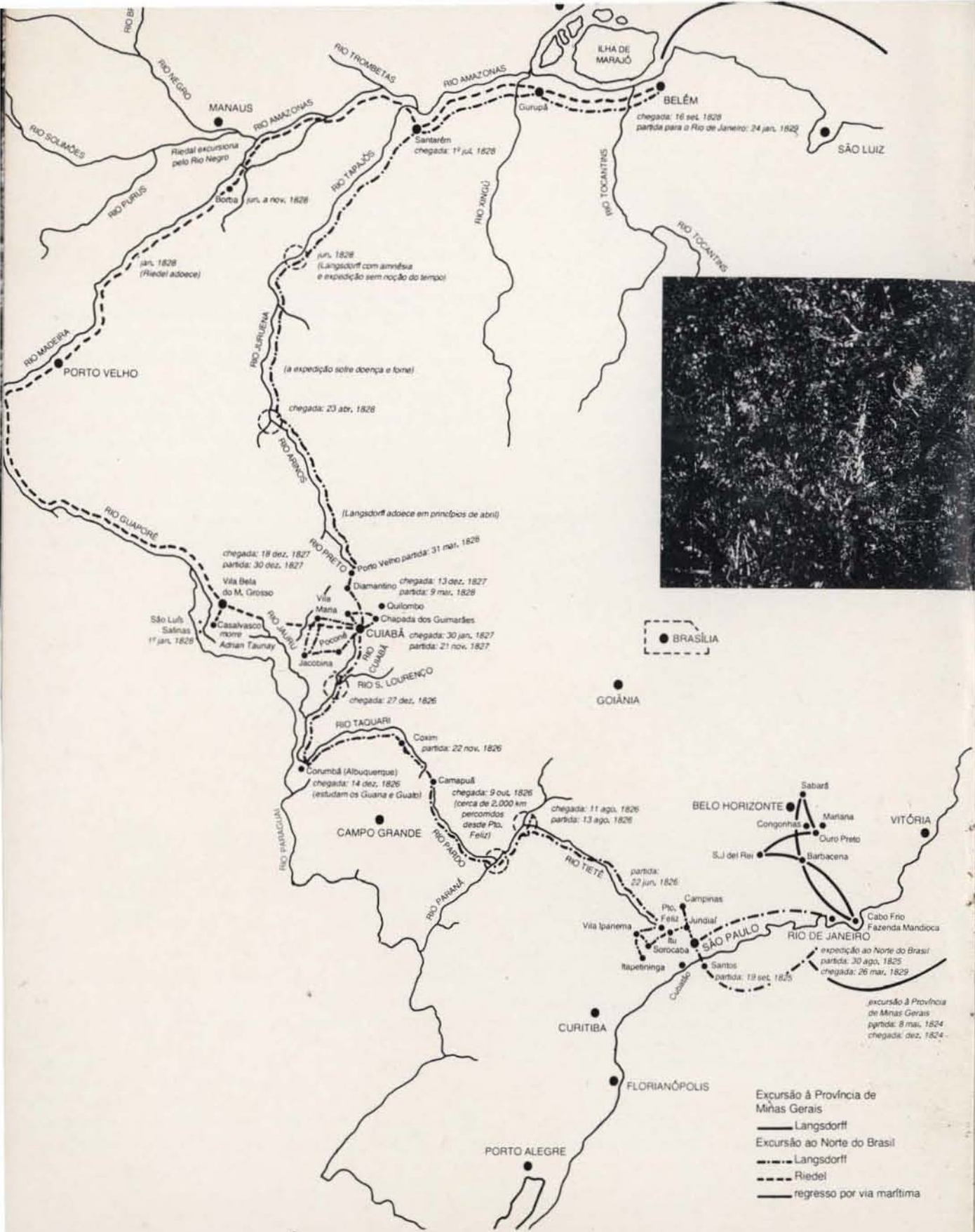
O acadêmico Langsdorff foi um dos pioneiros na promoção de laços científicos e culturais entre os nossos povos. O êxito da expedição que ele chefiou seria impossível sem amplo apoio por parte do Governo e dos cientistas do Brasil.

Ele contribuiu, com toda a sua atividade, para o entendimento mútuo e a aproximação entre os nossos países, inscrevendo uma página brilhante na história de relacionamento russo-brasileiro. As sementes da boa cooperação entre os nossos povos e Estados, que ele lançou, não foram perdidas. Um exemplo nesse sentido são os contatos na área de cooperação científica e tecnológica.

No século da revolução científica e tecnológica todos os países têm que enfrentar problemas de ecologia e energia, saúde e educação, exploração de recursos do oceano e espaço exterior com fins econômicos. Resolver esses problemas sem esforços comuns é difícil ou praticamente impossível. É por isso que a União Soviética e o Brasil procuram ampliar os seus laços científicos, mantêm cooperação frutífera numa série de projetos científicos conjuntos, intercâmbio constante de pesquisadores e resultados de pesquisas científicas. Tudo isso, sem dúvida, corresponde aos interesses dos povos dos nossos países.

Quero expressar a convicção de que a exposição soviética dedicada ao famoso cientista e viajante Grigori Langsdorff, contribuirá para aumentar a compreensão mútua entre a URSS e o Brasil, consolidar a amizade entre os povos, favorecendo a causa do desenvolvimento ainda maior dos laços soviético-brasileiros na área da ciência e da tecnologia.

G. MARTCHUK
Presidente da Academia de Ciências da URSS
Moscou, julho de 1988



excursão à Província de Minas Gerais
partida: 8 mai, 1824
chegada: dez, 1824

Excursão à Província de Minas Gerais
 — Langsdorff
 - - - Langsdorff
 - - - Riedel
 — regresso por via marítima

Na época da independência, em meio às precárias condições existentes, uma expedição composta por renomados cientistas europeus preparava-se para embrenhar-se pelas selvas do Brasil a serviço da Academia de Ciências da Rússia, em um empreendimento financiado pelo Tzar Alexandre I. Os preparativos da expedição, pelo número de pessoas e amplitude da área a ser percorrida, atraíam as atenções de jornais brasileiros e europeus. Eram, ao todo, 39 pessoas incluindo escravos, guias e remadores,



distribuídas em duas grandes canoas cavadas em grossos troncos, três batelões e outras três embarcações menores portando víveres. Era a expedição do barão de Langsdorff, cônsul-geral da Rússia no Brasil, e com ele partiam os pintores Hercules Florence e Amadei Taunay e o cientista Nestor Rubtsoz.

Após percorrer por vários anos o interior do Brasil, Langsdorff conseguiu enviar à Academia de Ciências da Rússia grande quantidade de material coletado, diários de viagens perfazendo mais de duas mil páginas manuscritas, mais de

300 desenhos, observações de toda a natureza e centenas de caixas contendo peças de indumentária indígena, amostras da flora e animais empalhados. Durante cem anos esse acervo foi dado como perdido. Somente em 1930 foi reencontrado, em um porão do Museu Botânico da Academia de Ciências da União Soviética. Hoje, especialistas de vários países reconhecem o seu valor como importante fonte histórica brasileira. O assunto já foi objeto de estudos em vários congressos internacionais de brasilianistas, realizados em diferentes partes do mundo.

O Brasil, um país de grande diversidade cultural e ainda pouco conhecido em suas regiões mais remotas mesmo por brasileiros, necessita dar o devido valor a essa verdadeira radiografia feita em seu interior no século passado, e procurar compreender o seu significado hoje, para melhor conhecer a si próprio. Conhecer, sobretudo, a visão de abrangência ecológica que tinham aqueles senhores, empenhados em desvendar os mistérios da vida e das condições de existência de suas populações interioranas: índios, negros e mestiços de todos os matizes, que, em seu processo de luta permanente pela própria sobrevivência, contribuíram, de maneira decisiva, para a formação da nacionalidade.

A abertura dos portos brasileiros em 1808 foi revestida de um significado maior do que a simples penetração do capitalismo inglês na rica colônia de um Portugal falido e veio a calhar, para a Europa do início do século XIX, que vivia a plena euforia de expansão mercantilista e manufatureira, em busca de novos mercados e fontes de matéria-prima. O exotismo tropical estava agora ao alcance de cientistas das nações fortes, que se metiam pelas matas, à procura de borboletas raras e raízes para todos os males. Financiadas por governos europeus, as viagens exploratórias às terras do Novo Mundo possuíam, por vezes, um autêntico caráter científico, correspondente ao declínio do pensamento empírico idealista do século XVII e ao predomínio cada vez maior das ciências, que se tornavam autônomas e independentes entre si. Isso gerava uma crescente necessidade de sistematização e classificação do conhecimento até então acumulado pelo homem.

Entre 1808 e a Independência, muitas foram as expedições científicas européias que percorreram o interior brasileiro realizando levantamentos de que se valem até hoje estudiosos dos mais variados ramos do conhecimento; é o caso das expedições de Auguste de Saint-Hilaire, Eschwege, Werner, Neuwied, ou da grande expedição austro-bávara de Spix e Martius. As expedições organizadas pelos portugueses no Brasil, por sua vez, não possuíam um significado científico abrangente, limitando-se quase sempre à caça ao índio, ou à procura de ouro e diamantes.

A exemplo da Suíça, Áustria, Estados Unidos, Inglaterra e França, a Rússia não poderia ficar atrás. Em setembro de 1812 nomeia um cientista e viajante para o posto de cônsul-geral no Brasil, cujas funções eram estudar com detalhes o mercado brasileiro, auxiliar aos mercadores russos no Rio de Janeiro e providenciar abastecimento para os navios da Companhia Russo-Americana que atracavam no porto da cidade. Tratava-se do jovem médico alemão George Heinrich von Langsdorff, possuidor de um vasto conhecimento científico e experiente viajante por várias partes do mundo. Não poderia haver escolha mais acertada para a longínqua Academia de Ciências da Rússia e o nascente capitalismo mercantilista russo, em busca de novos horizontes.

Langsdorff viveu uma vida agitada, como era o seu próprio caráter. Nasceu em Wöllstein, um vilarejo do Essen Renano, no dia 18 de abril de 1774. Seu pai era o prefeito do lugar, e descendia de uma tradicional família de barões, cujas origens se perdem no século XIV. Com apenas 23 anos de idade, Langsdorff defendeu sua tese de doutorado sobre obstetrícia, publicada sob o estranho título de *Com-*

mentatio medicinae obstetriciae sistens phantasmatum sive machinarum ad artis obstetriciae facientium vulgo Fantomae ditorum breve historiam.

Após seus estudos, tornou-se médico da corte do príncipe alemão Christian August Waldeck, que ao assumir um posto de comandante militar em Portugal, levou-o consigo. Pouco tempo depois, seu amigo Waldeck morre, o que leva Langsdorff a dedicar-se mais intensamente às suas atividades de pesquisa, produzindo vários artigos. Por essa época, era constante a sua correspondência com cientistas de várias nacionalidades, entre os quais o físico russo Loguin Iurevich Kraft, membro da Academia de Ciências de seu país.

De volta a sua terra natal, após visitar a Inglaterra e a França, e enquanto colocava em ordem suas várias anotações, soube da preparação de uma viagem científica de volta ao mundo que estava sendo preparada pelos russos. Tal oportunidade jamais poderia ser perdida. Escreveu imediatamente a Kraft, solicitando ser incluído na expedição, na qualidade de naturalista. Mas seu pedido havia chegado tarde demais. Na resposta que recebera, Kraft comunicava que os navios *Nadieshda* e *Nieva* já estavam prontos para zarpar de Copenhague e suas tripulações estavam completas. No mesmo dia Langsdorff segue para a capital da Noruega, na esperança de embarcar. Por sorte, os ventos desfavoráveis retardaram a partida, e ele chegou ainda a tempo de argumentar com o chefe da expedição, o navegante russo Ivan Fiodorovich Kruzenstern. Após certa relutância, o comandante acabou por aceitá-lo a bordo, encarregando-o dos estudos de ictiologia e mineralogia da expedição. A partir de então, o seu destino estava definitivamente ligado à velha Rússia dos tzares, passando até mesmo a assinar Grigory Ivanovitch Langsdorff, nome com o qual se tornou famoso.

Os navios fizeram uma parada, de mais de um mês, na ilha de Santa Catarina, no litoral brasileiro. Seguiram depois para o sul, passando pelo estreito de Magalhães e alcançando a ilha de Páscoa. Chegaram depois às ilhas Marquesas e ao Havaí, até atingirem a península do Kamtchatka, na parte oriental da Rússia. Ao término da viagem, Langsdorff viveu ainda três anos na Rússia, participando de reuniões da Academia de Ciências e viajando pelo interior do país. Chegou a visitar o Japão, onde permaneceu quatro meses prisioneiro, uma vez que a política imperial daquele país era de evitar, ao máximo, qualquer contato com estrangeiros. De volta a São Petersburgo, foi nomeado, em setembro de 1812, para o cargo de cônsul-geral da Rússia no Brasil, tendo chegado ao Rio de Janeiro em abril de 1813.

As atividades de Langsdorff no Brasil foram, como sempre acontecia com ele, variadas e febris. Além de suas obrigações consulares, assumiu também funções diplomáticas, na qualidade de encarregado de negócios. Encontrava ainda tempo para freqüentar bibliotecas e museus. Interessava-se sobremaneira pela migração, tornando-se ardoroso propagador dessa idéia entre os europeus ao publicar em Paris, em 1820, o livro: "Memoire sur le Brésil pour servir de Guide à ceux qui désirent s'y établir", no ano seguinte, também publicado na Alemanha.

Após três anos de permanência no Brasil, comprou uma fazenda perto da cidade do Rio de Janeiro, denominada Mandioca. Havia ali plantações de café, mandioca, milho e frutas. Trabalhavam para ele 36 escravos negros, o que o fazia parecer um típico fazendeiro da época. Sua fazenda, no entanto, era um local de encontro, para onde convergiam intelectuais brasileiros viajantes estrangeiros e marinheiros russos. Sempre que podia, realizava pequenas viagens científicas pelos arredores, mantendo sempre bem informada a Academia de Ciências da Rússia sobre suas pesquisas, através de vários relatórios.

A idéia de organizar uma grande expedição pelo interior do Brasil, por lugares nunca antes percorridos por cientistas estrangeiros, fervilhava em seu cérebro. Saint-Hilaire, que o acompanhou em algumas andanças, em seu livro "Viagens às Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais" assim o descreveu: "Na companhia do Sr. Langsdorff, a pessoa mais ativa e incansável que jamais encontrei na vida, aprendi a não perder um só minuto durante as viagens, a não ligar para as privações e a suportar com alegria a todas as incomodidades. O meu acompanhante andava para lá e para cá, agitava-se, chamava a um, fazia observações a outro, comia, escrevia seu diário, colocava em ordem uma coleção de borboletas, e tudo isto ao mesmo tempo. Seu andar era impetuoso, levando para a frente a cabeça e os braços, como que acusando de lentidão o resto do corpo. Ele falava tão depressa, que sua respiração era entrecortada, como acontece a alguém depois de uma extensa carreira".*

Em 1821 Langsdorff viaja à Rússia, levando consigo vasto material coletado e um relatório completo sobre suas pesquisas. Foi quando expôs seu projeto de uma grande expedição ao czar Alexandre I. Dizia em seu relatório que era grande a quantidade de cientistas europeus empolgados com o Brasil, alertando que a Rússia não poderia ficar atrás das outras potências. O cientista deixou a Rússia, em 1821, com o seu projeto aprovado. Começava aí, oficialmente, a expedição Langsdorff.



* Alfredo de Carvalho no artigo "O original de Wilhelm Tember Meyer", reproduzido na revista *Heliopolis*, de 4 de abril de 1914, levanta a hipótese de que o Barão de Langsdorff teria inspirado a Alfredo d'Escragnole Taunay a personagem do excêntrico entomólogo de seu romance *Inocência*. Vale comparar a apresentação da personalidade do cônsul-geral russo por Auguste de Saint-Hilaire com esta descrição de Meyer, no romance: "Vosmecê nem imagina, interrompeu Pereira dirigindo-se para Cirino, o que faz este senhor quando está dentro do mato. Ainda há de quebrar o pescoço nalgum barranco a que se atire, pois caminha com as ventas para o ar... Não sei como não tem ambos os olhos furados... não repara em galhos nem em nada... só o que quer é agarrar anicetos... já o avisei umas poucas de vezes; agora, sua alma, sua palma..."

A primeira tarefa era reunir participantes para o empreendimento. O primeiro a ser convidado foi Jean Moris Eduard Ménétrières, de nacionalidade francesa, também membro da Academia de Ciências da Rússia. Na Alemanha, foram procurados pelo pintor Johann Moritz Rugendas, que se propôs a participar da aventura. Tanto Ménétrières como Rugendas tinham 19 anos idade. Chegaram ao Rio de Janeiro no início de março de 1822, a bordo do navio Doris, trazendo grande quantidade de equipamentos científicos e livros, além de cem colonos alemães e suíços, de várias profissões, que vieram trabalhar na fazenda Mandioca. Os demais participantes da expedição, contratados por Langsdorff, foram: o botânico Ludwig Ridel, o astrônomo Nestor Rubtsov e o naturalista Wilhelm Freyreiss, que já moravam no Brasil. A organização da expedição ocorria justamente no ano da independência, em um clima político tenso e complexo, o que não deixava de prejudicar o seu trabalho. Além das atividades consulares Langsdorff esteve ainda ocupado em acomodar em suas terras os colonos que trouxera, com dinheiro próprio, da Europa. Os preparativos da expedição tomavam-lhe muito tempo e dinheiro. Em carta (hoje sob a guarda do Arquivo do Itamaraty) endereçada a José Bonifácio em busca de auxílio financeiro também por parte do governo brasileiro, argumenta: "Eu criei em minha fazenda ramos de produção completamente desconhecidos aqui e que representam grande interesse para o país. Começarei a construir casas, a preparar telhas, construirei uma fábrica de sabão."

Enquanto aguardavam o início da expedição, os demais participantes realizavam pequenas viagens nas proximidades da fazenda. Langsdorff uniu-se a eles em setembro de 1822, quando juntamente com Rubtsov, Ménétrières e Rugendas realizaram uma viagem a Nova Friburgo que se estendeu até dezembro, percorrendo caminhos tortuosos, nunca antes visitados por cientistas estrangeiros.



A grande viagem a Minas Gerais, primeira etapa da expedição, só pôde ter início a 8 de maio de 1824, quando visitaram as cidades de Ouro Preto, Sabará, São João del Rei, Congonhas e outras povoações do interior, sempre utilizando um roteiro próprio. Logo a seguir o pintor Rugendas abandona a expedição, por atritar-se com Langsdorff, levando para a Europa cerca de quinhentos desenhos executados em Minas Gerais. Ménétrières preferiu retornar à Rússia. Para o lugar de Rugendas, Langsdorff contratou dois novos pintores: Amadei Adrian Taunay, filho do pintor Nicolas Antoine Taunay, que chegara ao Brasil em 1816, integrando a célebre Missão Francesa e Hercules Florence, que já morava no Brasil. Os jovens tinham, respectivamente, 22 e 20 anos de idade, mas eram experientes desenhistas e cartógrafos. Para o lugar de Ménétrières, que era zoólogo, foi contratado o médico e naturalista alemão Christian Hasse.

A segunda etapa da expedição seria percorrer as províncias de São Paulo, Goiás e Mato Grosso, para regressar ao Rio de Janeiro através do Maranhão, Piauí, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais. Para isso viajaram a São Paulo, visitando várias cidades do interior da província. Em Itu, Langsdorff conheceu José Joaquim d'Almeida, realizador de uma viagem fluvial de Porto Feliz a Cuiabá, pelas águas do Tietê e outros rios. Desse encontro surgiu a idéia de abandonar as viagens por terra, para seguir os cursos dos rios. O argumento decisivo foi a constatação, por parte de Langsdorff, de que esse caminho fluvial não fora ainda seguido por nenhum outro cientista. O objetivo era partir de Porto Feliz seguindo pelos rios Tietê, Paraná, Pardo, Camapuam, Coxim, Taquari, Paraguai, São Lourenço e Cuiabá, até atingir a cidade de Belém. Desta maneira, Goiás ficou fora de seus planos. Enquanto o período de chuvas persistia, impossibilitando a partida, Langsdorff viajou ao Rio de Janeiro para enviar à Rússia algumas caixas de material coletado e diários de viagens. De volta, trouxe consigo sua esposa, Vilgelmina Langsdorff, também disposta a seguir com a expedição.

A partida deu-se no dia 22 de junho, tendo sido utilizadas duas grandes canoas batizadas com os nomes de Peroba e Chimbó, três batelões e três outras canoas menores. Ao todo eram 39 pessoas, incluindo remadores, caçadores, escravos e guias. Hasse preferiu abandonar a expedição, na esperança de se casar com a filha única do rico proprietário rural Francisco Álvares, em cuja residência os viajantes haviam se hospedado em Porto Feliz. No entanto, esse casamento não se deu. Ela preferiu casar-se, em 1829, com Hercules Florence, após o término da expedição. Chegaram a Cuiabá no dia 30 de janeiro, após sete meses e oito dias de viagem. Era a primeira vez que cientistas estrangeiros realizavam esse percor-



Na página ao lado,
Ludwig Riedel.

Acima, Maurice Rugendas.

No alto, à direita,
Amadei Adriene Taunay.

Ao lado, à direita,
Hercules Florence.



so. Escreveu Langsdorff em carta endereçada ao Ministro das Relações Exteriores da Rússia: "Os jovens artistas Taunay e Florence desenharam belas paisagens, cachoeiras e diferentes espécies de objetos da ciência natural. Durante a viagem, dediquei especial atenção à história natural-cotidiana do homem. Para dar aos cientistas europeus a possibilidade de comparar com maior exatidão as raças sul-americanas entre si, eu exigi, com insistência dos artistas, reproduzir com precisão os retratos das tribos Caiapó, Guana, Guato, Bororo, Chamacoco, Chiquito, e espero que, com relação a isto, eu fiz mais que qualquer outro viajante".

O plano de Langsdorff era permanecer cerca de um ano em Cuiabá, pesquisando os seus arredores e outras cidades próximas. Na ocasião, Langsdorff conheceu o comerciante de antiguidades Angelini, que vinha do Peru, com destino ao Rio de Janeiro, e de quem comprou peças raras da civilização inca. A esse antiquário italiano Langsdorff confiou vasto material coletado e que devia ser entregue ao cônsul geral da Rússia no Rio de Janeiro para ser enviado à Academia de ciências, em São Petersburgo. Com Angelini, viajou também Vilguelmina Langs-

dorff, que estava grávida de seis meses.

Oito meses depois, em outubro de 1827, Langsdorff decidiu dividir a expedição em dois grupos: Riedel e Taunay desceram o Guaporé e o Madeira; outros seguiram pelos rios Preto, Arinos, Juruena e Tapajós, para se reencontrarem no porto da Barra do Rio Negro, hoje Manaus.

Riedel e Taunay, viajando juntos, visitaram várias aldeias indígenas, chegando quase à fronteira com a Bolívia, até que, a 10 de março de 1828, Taunay morre afogado nas águas do rio Guaporé, ao tentar atravessá-lo a nado. Riedel permanece ainda alguns meses em Vila Bela, para depois descer pelos rios Guaporé e Madeira. O grupo chefiado por Langsdorff chegou a Diamantino, norte do Mato Grosso, onde permaneceu quase quatro meses. Seguiram para Porto Velho, ainda em Mato Grosso, descendo depois o rio Preto até atingir o Arinos. Durante este percurso Langsdorff começou a sentir seus primeiros ataques de febre e vômitos. Ao atingirem o rio Juruena, quase todos os participantes estavam enfermos. Das 34 pessoas que compunham o grupo, somente 15 estavam em boas condições físicas. Os insetos atacavam dia e noite e as chuvas eram constantes. A

situação já era de extrema penúria. As provisões che-
vavam ao fim. Langosdorff piorava a cada dia. Já qua-
se não conseguia sair de sua rede. Confundia as da-
tas e os acontecimentos, sofria de longos períodos
de perda de memória. Em um de seus raros momen-
tos de lucidez, encarregou a Rubtsov de assumir o
comando da expedição e de enviar todo o material
a São Petersburgo. Alguns dias depois, começa a
perder definitivamente a razão. Em junho de 1828,
ao atingirem o Tapajós, Florence era o único que con-
tinuava a escrever seu diário. De Santarém a Belém
do Pará a expedição seguiu a bordo de uma goleta
comercial. Após uma breve parada na aldeia de Gu-
rupá, chegaram a Belém, no dia 16 de setembro. No
final de janeiro do ano seguinte, os viajantes parti-
ram para o Rio de Janeiro a bordo do navio D. Pe-
dro I, em uma viagem que durou mais de dois meses.

Desta maneira, após passarem mais de quatro
anos envolvidos com esta segunda etapa da viagem,
a expedição chega a um fim melancólico. Langsdorff,
já sem condições de continuar suas atividades cien-
tíficas pela perda completa da memória, parte para
a Alemanha, onde morre em 1832. Florence passou
a cuidar de uma plantação de café em São Paulo,
onde chegou a ser bastante conhecido como pintor
e inventor da fotografia. Os demais dispersaram-se
sem nunca mais travarem contato com o acervo por
eles reunido.

1. Cidade Imperial do Ouro Preto. **Rugendas**, ago. 1824. Aquarela
e tinta (pena), 36,5 × 25,5 cm.

2. Grupo de índios Bororo da aldeia de Pau Seco, entre os rios
Paraguai e Jauru, atentos ao relato de um deles sobre caçada de
onça. **Taunay**, dez. 1827. Aquarela, 26,6 × 22 cm.



3. Gambá, família dos *Chironectes minimus*. Rugendas, abr. 1822. Aquarela e tinta (pena), 25,2 × 30,8 cm.

4. Piranha, família das *Characidae*. Rio Taquari. Taunay, dez. 1826. Aquarela, 35 × 21,7 cm.



3



5



6



4

5. Duas plantas floridas da família *Orchidaceae*. Rio Pardo. Florence, set. 1826. Aquarela e nanquim, 25,5 × 36,2 cm.

6. Aranha vista de cima. Rio Coxim. Florence, nov. 1826. Aquarela, 18,3 × 23,8 cm.

7. Lagarto. Taunay, ago. 1827. Aquarela, 37,2 × 28,4 cm.



7



Durante cem anos, quase todo o material recolhido pela expedição e enviado à Rússia foi considerado perdido, só sendo reencontrado em 1930, no Museu Botânico da Academia de Ciências da Rússia, em Leningrado. Estava em ótimo estado de conservação e logo atraiu as atenções dos especialistas soviéticos. O acervo foi reunido e classificado, revelando-se mais valioso do que se esperava. Em 1946, Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, informava a Dom Clemente Maria Nigra, diretor do Museu de Arte Sacra da Universidade da Bahia, a existência de valioso material sobre o Brasil em algum museu soviético.

Em 1963, Dom Clemente visita Leningrado e confirma a informação, declarando a uma reportagem da revista "O Cruzeiro", a 13 de dezembro de 64, que o material estava nos arquivos da Academia de Ciência daquela cidade, e era "muito mais importante do que se julgava". A partir dessa constatação, os "Diários Associados" empreenderam negociações com o governo soviético para a obtenção de reproduções do material, mas a vigência do movimento militar de 1964 interrompeu essa negociações. Já em 1956, no 18º Congresso Internacional de Geografia, realizado no Rio de Janeiro, a historiadora e etnógrafa soviética Noema Grigorievna Sprintsin apresentou um relato sobre as pesquisas com relação aos materiais da expedição de Langsdorff, em andamento na União Soviética.

Com base na documentação encontrada, a história da expedição foi mais intensivamente estudada pelos soviéticos a partir da década de 60, quando vários artigos foram publicados, muitos dos quais de autoria do professor Boris Komissarov, da Universidade de Leningrado. Diferentes aspectos da expedição Langsdorff foram abordados em congressos internacionais, organizados em Roma, no México, em Nova Iorque e em Leningrado. Em 1973, em edição organizada por D. E. Bertels, B. N. Komissarov e T. I. Licenko, a Academia de Ciência da URSS, Seção de Leningrado, publicou um catálogo que abrange toda a documentação conhecida e conservada em arquivos de diferentes cidades soviéticas. O catálogo soviético de 1973 foi traduzido e publicado na República Federal da Alemanha. No Brasil, a primeira edição surgiu em 1981, promovida pela Fundação Nacional Pró-Memória, o que representou importante passo para o desenvolvimento da cooperação internacional com o objetivo de divulgar todo o acervo.

Em 1977, quando se comemoraram os 150 anos da expedição, o Museu de Arte de São Paulo, com a colaboração da Secretaria de Cultura daquele estado, organizou uma exposição dedicada a Hercules Florence. De julho a outubro de 1980, o profes-

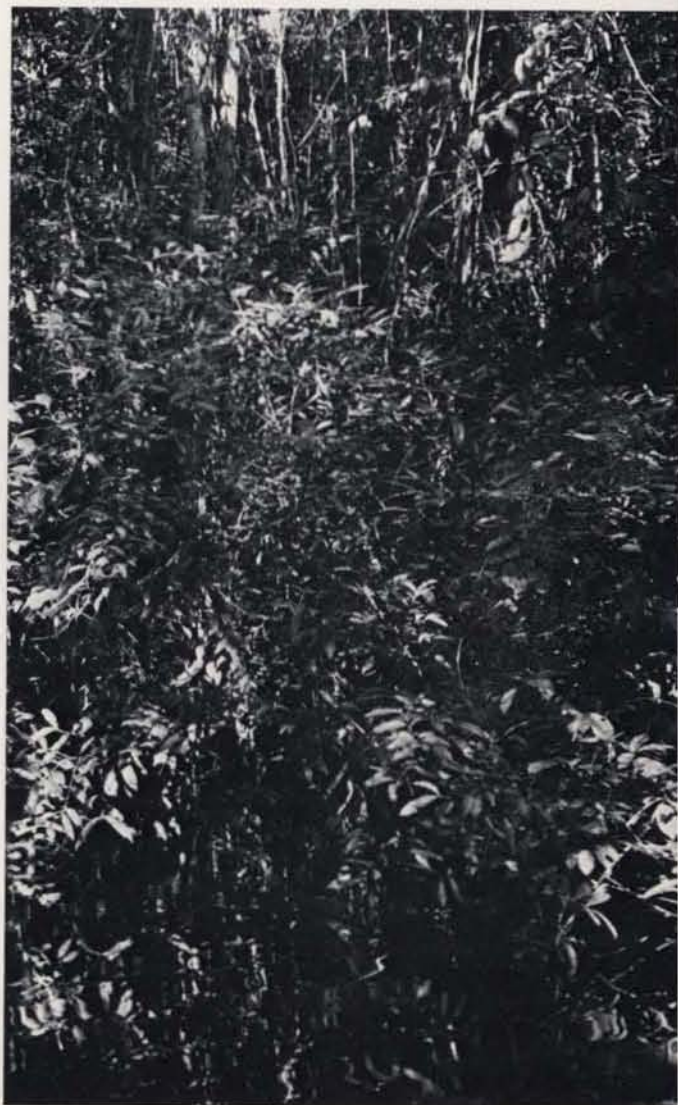
sor Hans Becher, tradutor do catálogo para o alemão, realizou pesquisas em diferentes arquivos no Brasil, cujos resultados foram publicados em 1987 na Alemanha, sob o título: "Georg Freiherr von Langsdorff in Brasilien", trabalho que será lançado em português pelo Instituto Nacional do Livro.

Em abril de 1987, o embaixador Wladimir Murtinho chefiou uma delegação brasileira a Moscou e Leningrado, com o objetivo de conhecer a totalidade e a situação do acervo, sua natureza, qualidade atual, e certificar-se da urgência de sua exibição ao público brasileiro. Após entendimentos mantidos com B. V. Lyovshin, Diretor do Arquivo da Academia de Ciências de Moscou, com R. F. Its, Diretor do Instituto de Etnografia de Leningrado e com V. F. Zaitzev, Vice-Diretor do Instituto de Zoologia de Leningrado, a comitiva brasileira apresentou uma proposta abrangente de transliteração, tradução e publicação total dos manuscritos, em ação conjunta do Brasil, República Federal da Alemanha, República Democrática da Alemanha e União Soviética, além da reprodução do acervo iconográfico. Na ocasião, ficou acertada a vinda ao Brasil de uma amostragem representativa dos desenhos e aquarelas dos pintores de expedição: Rugendas, Florence e Taunay, juntamente com alguns manuscritos, que compõe esta exposição e estarão sendo exibidos à visitação pública durante o ano de 1988, em Brasília, Cuiabá, São Paulo e Rio de Janeiro.

Trata-se da primeira grande exposição soviética em território brasileiro, facilitada após a assinatura do acordo cultural entre os dois países. A editora "Alumbramento", do Rio de Janeiro, em projeto apoiado pelos ministérios das Relações Exteriores e da Cultura do Brasil, lança três álbuns de reproduções, abrangendo a totalidade do acervo pictórico da expedição; a publicação dos manuscritos, em edição trilingüe, será objeto de estudos e debates durante o seminário internacional, a cargo da Fundação Nacional Pró-Memória, a ser realizado na Universidade de São Paulo. Desta forma, autoridades e instituições brasileiras, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, e a Universidade de Brasília, além das já mencionadas, desenvolvem esforços conjuntos, no sentido de dar completa divulgação a todo o acervo da expedição Langsdorff, trazendo aos meios científicos e culturais do país o legado histórico dos viajantes, fazen-

do, ao mesmo tempo, justiça à memória daqueles homens que não pouparam sacrifícios e dedicaram as suas vidas ao conhecimento científico-cultural de seu tempo. A curiosidade de Langsdorff nada poupava: seus relatos dão conta até mesmo do vestuário, danças, tatuagens, arte plumária, pintura e culinária dos povos indígenas visitados.

Hoje, a comunidade científica internacional é unânime em afirmar que esta foi uma das mais importantes expedições científicas que percorreram o interior do Brasil no século XIX, e que, paradoxalmente, é a menos conhecida, a única que encerra algum mistério e cujo trabalho de análise e pesquisa apenas começa a ser feito. São centenas de caixas contendo farta documentação escrita, iconográfica e cartográfica, de grande interesse quer para as ciências naturais como zoologia, botânica, mineralogia, geografia, meteorologia e outras, quer para as ciências sociais, como sociologia, etnologia, lingüística, economia e assim por diante. □



Na página ao lado, Negro Cabinda. Diamantino de Mato Grosso. Florence fev. 1828. Aquarela e nanquim (pena), 22,2 x 29 cm.

Relação das obras expostas

O número entre parênteses, que se segue às dimensões da obra, corresponde à numeração da peça no catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética, publicado em *A expedição científica de G. I. Langsdorff* (Minc/SPHAN/Pró-Memória, Brasília, 1968).

VISTA DA ENTRADA E DE UMA PARTE DA BAIÁ DO RIO DE JANEIRO.
Rugendas [1822, março-1824, maio]
Lápis, 39,8x25cm. (188)

VISTA DO VALE DENOMINADO LARANJEIRA E MONTANHA DO CORCOVADO, NO RIO DE JANEIRO.
Rugendas [1822, março-1824, maio]
Aquarela e tinta (pena), 37x27cm. (187)

SERRA DA ESTRELA. PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO.
Rugendas [1822, março-1824, maio]
Aquarela e tinta (pena), 42x30cm. (185)

VISTA DA PONTE NOVA SOBRE O PARAÍBA, NA FRONTEIRA DA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO COM A DE MINAS GERAIS.
Rugendas [1824, 17 de maio].
Aquarela negra e tinta (pena), 38,5x25,5cm. (190)

PROVÍNCIAS DE MINAS GERAIS.
Rugendas [1824].
Aquarela negra e lápis, 37x27cm. (217)

VISTA DE BARBACENA.
Rugendas [1824, 2 de junho].
Aquarela e tinta (pena), 36,5x25cm. (197)

DESCOBERTA NOVA PERTO DO RIO DAS POMBAS. VISTA DAS MINAS DE OURO NA FLORESTA.
Rugendas [1824, 12 de junho-agosto].
Tinta, nanquim (pena) e lápis, 34,5x23cm. (201)

GRUTA DE PEDRA CALCÁRIA PERTO DE SÃO JOÃO DEL REI.
Rugendas [1824].
Nanquim (pincel e pena), 36x25,3cm. (223)
Anotação em francês: "Os filamentos que vemos são as raízes das plantas encontradas sobre a gruta. Elas descem até lá para desfrutar da umidade."

CIDADE IMPERIAL DO OURO PRETO.
Rugendas [1824, agosto].
Aquarela e tinta (pena), 36,5x25,5cm. (208)

RICO HABITANTE DE SÃO PAULO CONDUZ EM SUAS MULAS CARGAS DE AÇÚCAR.
Taunay [1825].
Aquarela e tinta (pena), 21,5x17,5cm. (319)

CONVENTO DE CAPUCHINHOS EM SANTOS.
Taunay [1825, setembro].
Aquarela, 21,5x17,5cm. (360)

RIO CUBATÃO PERTO DE SANTOS
Taunay [1825].
Aquarela negra, 21,5x17,5cm. (361)

VESTIMENTAS DE SÃO PAULO.
Taunay [1825].
Aquarela e nanquim, 21,5x17,5cm. (320)

VISTA DA PRIMEIRA GRANDE CACHOEIRA DO TIETÊ, DENOMINADA SALTO DE AVANHANDAVA.
Taunay [1826, julho].
Aquarela negra, 61,5x47,2cm. (363)

VISTA DA SEGUNDA GRANDE CACHOEIRA DO TIETÊ, DENOMINADA SALTO DO ITAPURE.
Taunay [1826, agosto].
Aquarela negra, 62,2x43cm. (364)

CACHOEIRA DO PARANÁ, DENOMINADA SALTO DE URUBUPUNGÁ, DUAS LÉGUAS ACIMA DA DESEMBOCADURA DO TIETÊ.
Taunay [1826, agosto].
Aquarela negra, 61x44cm. (365)

VISTA DA VILA DE GUIMARÃES.
Taunay [1827, junho].
Aquarela negra, 33x28,8cm. (370)

ÍNDIA DA CHAPADA, FILHA DE UM PARECI E UMA BORORO.
Florence [1827, maio].
Aquarela e tinta (pena), 19x23,2cm. (485)

ANATÁCIA, FILHA DE DOIS MESTIÇOS E AVÔ DE DUAS MENINAS, SEBASTIANA E MARCELINA.
Vila de Guimarães
Taunay [1827, maio].
Aquarela e lápis, 18,8x23cm. (321)

ÍNDIA CHIQUITO DA MISSÃO DE SÃO RAFAEL.
Figueira.
Taunay [1827, 30 de novembro].
Aquarela e tinta (pena), 21,2x25,1cm. (339)

VISTA DA ALDEIA DOS ÍNDIOS BOROROS, DENOMINADA PAU SECO, SITUADA A 7 LÉGUAS DA MARGEM ESQUERDA DO PARAGUAI, NA ESTRADA DE VILA MARIA A VILA BELA DE MATO GROSSO.
Taunay [1827, dezembro].
Aquarela, 28,4x22,5cm. (348)

HOMEM E MULHER BOROROS.
Taunay [1827, dezembro].
Aquarela, 21,8x28,4cm. (342)

O CANTO NOTURNO DOS ÍNDIOS BOROROS.
Entre eles, dois participantes da expedição
Taunay [1827, dezembro].
Aquarela, 28,5x22,5cm. (340)

ALGUNS BOROROS EM VISITA AOS SRS. RIEDEL E TAUNAY, NA CASA QUE ESTES OCUPAVAM PERTO DA ALDEIA. Pau Seco.
Taunay [1827, dezembro].
Aquarela, 27x22,3cm. (343)

INTERIOR DE UMA CABANA DOS ÍNDIOS BOROROS.
Taunay [1827, dezembro].
Aquarela, 27,3x20,5cm. (345)

GRUPO DE ÍNDIOS BOROROS DA ALDEIA DE PAU SECO, ENTRE OS RIOS PARAGUAI E JAURU, ATENTOS AO RELATO DE UM DELES SOBRE CAÇADA DE ONÇA.
Taunay [1827, dezembro].
Aquarela, 26,6x22cm. (344)

CARANDÁ BRABO. Vista de floresta tropical, no caminho de Cuiabá a Diamantino.
Florence [1827, 9 de dezembro].
Nanquim (pena), 29,3x21,5cm. (510)

ÁRVORE DENOMINADA GENIPAVERA E GENTE QUE PEDE ESMOLA PARA A FESTA DO ESPÍRITO SANTO.
Diamantino.
Florence [1828, janeiro].
Aquarela, 22,6x31,5cm. (512)



Pavão. Desenhado segundo o modelo empalhado. Cuiabá. Taunay, out. 1827. Aquarela, 30 x 40,5 cm.

ÍNDIA APIACÁ EM DIAMANTINO DE MATO GROSSO.
Florence [1828, fevereiro].
Aquarela e tinta (pena), 19×27,2cm. (495)

NEGRO IAUÇÁ. Diamantino de Mato Grosso.
Florence [1828, janeiro].
Aquarela e tinta (pena), 22×36cm. (489)

NEGRA REBOLO. Diamantino de Mato Grosso.
Florence [1828, fevereiro].
Aquarela e nanquim (pena), 21,7×27cm. (492)

NEGRA CABINDA. Diamantino de Mato Grosso.
Florence [1828, 17 de fevereiro].
Aquarela e tinta (pena), 22×29cm. (491)

TENDA DOS APIACÁS NO [RIO] ARINOS.
Florence [1828, abril].
Aquarela, 51×40,8cm. (500)

VISTA DE SANTARÉM NO [RIO] TAPAJÓS, DO LADO OESTE.
Florence [1828, agosto].
Aquarela negra, 58,5×41,4cm. (518)

TUCHÁUA [CHEFE] MANDURUCU EM TRAJES DE FESTA.
Santarém.
Florence [1828, agosto].
Aquarela, 25×36cm. (504)

PEIXE-PILOTO *Casterosteus ductor* Lin.
Naucrates ductor. Feito a bordo do navio *Dóris*.
Rugendas [1822, 12 de fevereiro].
Aquarela, alvaiade, lápis, 31,8×20,7cm. (159)

LAGARTO *Lézard*, Lin. *Lacerta*. Família dos *Diploglossus* sp.
Rugendas (?) [1822, março-1824, outubro].
Aquarela e alvaiade, 27,6×18,5cm. (164)

MACACO *Ouistiti*, *Simia*, nov. sp.
Provincia do Rio de Janeiro.
Rugendas [1822, abril].
Aquarela, nanquim e lápis, 21,2×26,7cm. (178)

GAMBÁ *Chironectes* Jllig. *Didelphis palmata* Geoff. Família dos *Chironectes minimus*.
Rugendas [1822, abril].
Aquarela e tinta (pena), 25,22×30,8cm. (170)

MORCEGO Família dos *Phyllostomatidae*.
Rugendas (?) [1822, março-1824, outubro].
Aquarela, 36×26,2cm. (177)

CASCOEIRA. Família *Bignoniaceae*. Concluído em Barbacena - Provincia de Minas Gerais. (No original, por engano: Rio de Janeiro)
Rugendas [1824, 22 de maio].
Aquarela, 20,3×25cm. (151)

COLIBRIS POUADOS E ESVOAÇANDO AO REDOR *Bombax*, *pentandrum?* Família das *Bombacaceae*.
Taunay [Não anterior a 1825, setembro - não posterior a 1828, janeiro].
Aquarela, 41,3×54,2cm. (233)

TATU *Dasypus novemcintus*, Lin. Buff.
Rugendas (?) [1822, março-1824, outubro].
Aquarela, 24,8×16cm. (172)

MOLUSCO. *Crapaud*, Bufo, Cur. n. sp. Família dos *Ceratophrys* sp.
Rugendas [1822, março-1824, outubro].
Aquarela e tinta (pena), 15,6×11,7cm. (162)

TUCANO *Ramphastos magnirostris*.
Taunay [1825, setembro-1827, dezembro].
Aquarela e nanquim, 31,2×23,2cm. (301)

TIRANO ESCARLATE. *Pyrocephalus rubinus*.
Tamanho natural. Santos.
Taunay [1825, setembro].
Aquarela, 17,4×21,7cm. (276)

UTRICULARIA. *Rubiaceae*. Família *Rubiaceae?* *Utricularia* sp. Planta herbácea florida. Ponta Alta. Colhida perto do telégrafo da serra de Cubatão.
Taunay [1825, 23 e 26 de setembro].
Aquarela, tinta e lápis, 20,5×36,1cm. (229)

PLANTA DA FAMÍLIA DAS ORCHIDACEAE. Das areias do alto da serra de Cubatão. Tamanho natural. Ponta Alta.
Taunay [1825, 27 de setembro].
Aquarela, 22×29,7cm. (243)

PASSIFLORA. (Escrito a lápis, caligrafia de Langsdorff) da família das *Passifloraceae*.
Taunay [Não anterior a 1825, setembro-não posterior a 1828, janeiro].
Aquarela e lápis, 20,5×32,4cm. (238)

CORUJA. São João de Ipanema
Taunay [1826, janeiro].
Aquarela, 17,7×21,6cm. (282)

MILHAFRE. Caminho de Sorocaba a Castro.
Taunay [1826, fevereiro].
Aquarela, 17,3×21,7cm. (287)

BUGIO. Macaco branco arauatu. *Alouatta palliata*. Tamanho natural. São João de Ipanema.
Taunay [1826, fevereiro].
Aquarela, 44×49,7cm. (312)

PAPAGAIO. Caminho de Sorocaba a Castro.
Taunay [1826, março].
Aquarela, 17,5×21,7cm. (290)

SARIGÜEIA. Marmosa murina. Porto Feliz.
Taunay [1826, maio].
Aquarela, nanquim e alvaiade, 27,1×21,9cm. (313)

ARANHA-TELEFONE. *Telephonus Latr*. Escorpião-falso. Camapuam.
Taunay [1826, outubro].
Aquarela e lápis, 18,3× 24,8cm. (251)

CORUJA. Cocais a 7 léguas de Cuiabá.
Florence [1827, 27 de agosto].
Aquarela, 22,2×33,1cm. (469)

ARANHA. *Dolomedes* Walek: n. spec. Rio Coxim.
Florence [1826, 25 de novembro].
Aquarela, 18,3×23,8cm. (405)

COCAIS. *Samanbaya et Guaytivoca*.
Florence [1827, 27 de agosto].
Aquarela, 21,9×31,7cm. (507)

JARARACA. Cobra. *Bothrops* sp. Tamanho natural. Rio Pardo.
Florence [1826, 6 de setembro].
Aquarela e tinta (pena), 36×24,5cm. (440)

LANGSDORFFIA. Família *Proteaceae*. Tombador, no caminho de Cuiabá a Diamantino.
Florence [1827, 11 de dezembro].
Aquarela, 22,2×32,8cm. (393)

N. 61. JOANNA. GUENZA OU JACUNDA. Família das *Cichlidae*.

N. 15. PEIXE CAXORRO [SIC]. *Acestrorhynchus microlepis*. Tamanho natural. Vila Maria.
Florence [1827, 9 de setembro].
Aquarela, 36×21,3cm. (421)

SAPUTÁ. Família das *Sapotaceae* (?). do fruto com sementes, esboço do galho. Vila Bela de Mato Grosso.
Taunay [1827, dezembro].
Aquarela e lápis, 22,9×33,5cm. (249)

LAGARTO. *Iguana* sp. Cuiabá.
Taunay [1827, agosto].
Aquarela, 37,2×28,4cm. (273)

PALMEIRAS DENOMINADAS BURITIS, DESENHADAS EM QUILOMBO, DISTRITO DE CHAPADA.
Taunay [1827, junho].
Aquarela, 40,8×31,8cm. (379)

CAINCA. *Chiococca recemosa*, Linn. Família *Rubiaceae*. A uma légua do porto de Rio Preto.
Florence [1828, 13 de março].
Aquarela e lápis, 25×38,8cm. (396)

PALMEIRAS DENOMINADAS PINDOVAS. Este desenho representa também uma capoeira - floresta devastada por fogo e por árvores abatidas. Distrito de Chapada. Junho de 1827.
Taunay [1827, junho].
Aquarela, 31,5×41,8cm. (376)

SAICANGA. Família das *Characidae*. Tamanho natural. Diamantino.
Florence [1827, 24 de dezembro].
Aquarela, 27,4×21,5cm. (430)

GRIFO. *Vultur Sisa*.
Taunay [1825, setembro - 1827, dezembro].
Aquarela e alvaiade, 23,3×31,3cm. (302)

PAVÃO. Cotinga. (Desenhado segundo o modelo empalhado). Cuiabá.
Taunay [1827, outubro].
Aquarela, 30×40,5cm. (300)

JUSTÍCIA. *Justicia* sp. (?). A duas léguas do Rio Preto.
Florence [1828, 22 de março].
Aquarela, 23,3×35,8cm. (398)

FLOR DA ÁRVORE DENOMINADA EMBIRA-UÇU. Diamantino.
Florence [1828, janeiro].
Aquarela e lápis, 46,6×37,4cm. (395)

PLANTA HERBÁCEA FLORIDA DA FAMÍLIA DAS ORCHIDACEAE. Pará.
Florence [1829, janeiro].
Aquarela e nanquim (pena), 24,6×34,7cm. (400)

PACU PINTADO. *Myloplus schultzei*. Rio Arinos.
Florence [1828, abril].
Aquarela, 32,8×24,3cm. (436)

PLANTA HERBÁCEA FLORIDA DA FAMÍLIA DAS ORCHIDACEAE. Pará.
Florence [1829, 12 de janeiro].
Aquarela, nanquim (pena) e lápis, 20,2×25cm. (399)

A Exposição **Langsdorff de Volta** é uma realização da Secretaria de Difusão e Intercâmbio Cultural do Ministério da Cultura, que contou com a colaboração das Fundações Pró-Leitura, Pró-Memória e Nacional de Arte, e com o apoio do Ministério das Relações Exteriores do Brasil e do Governo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, representado pela Academia de Ciências e por sua embaixada em Brasília.

Os diapositivos utilizados no preparo dos clichês a cores deste catálogo foram cedidos por cortesia pela Edições Alumbramento, responsável pela publicação da obra **A Expedição Langsdorff ao Brasil 1821/1829**.



Dois macacos, macho e fêmea, vistos em uma árvore.
Rugendas 1823. Aquarela, 34 × 24,4 cm.



Instituto Hercule Florence
de Estudos da Sociedade e Meio
Ambiente do Século XIX Brasileiro

ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARQUIVOS DIGITAIS

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence ao Instituto Hercule Florence ou a instituições parceiras. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a autenticidade e a integridade da fonte, não realizando interferências digitais além de ajustes de contraste, cor e definição.

1. Utilizar este documento apenas para fins não comerciais

Os textos e as imagens publicadas no IHF Digital são de domínio público, porém seu uso comercial não está autorizado. Alguns textos e imagens provêm de instituições parceiras e somente poderão ser utilizados após consulta (contato@ihf19.org.br).

2. Créditos

Ao utilizar este documento, você deve dar o crédito ao autor (ou autores), ao IHF Digital, ao acervo original e ao autor(es) da reprodução/tratamento digital. Solicitamos que o conteúdo não seja republicado na rede mundial de computadores (internet) sem prévia autorização do IHF e/ou da instituição parceira.

3. Direitos do autor

No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Se você acreditar que algum documento ou imagem publicada no IHF Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (contato@ihf19.org.br).

4. Responsabilidades

O IHF reserva-se o direito de alterar o conteúdo do site, sem necessidade de aviso prévio, assim como rejeita qualquer responsabilidade pela utilização não autorizada do conteúdo deste site por terceiros.